

DISCURSO PROFERIDO POR PHILOGÔNIO DE PAULA CORRÊA POR OCASIÃO DA INSTALAÇÃO DO INSTITUTO HISTÓRICO DE MATO GROSSO

08/04/1919

Exmo. e Revmo. Sr. Presidente do Estado e do Instituto Histórico de Mato Grosso
Srs. Sócios Honorários, Fundadores e Efetivos
Exmas. Senhoras, Senhores!

A ausência inesperada do Dr. José Barnabé de Mesquita, orador eleito em reunião inaugural do Instituto Histórico de Mato Grosso, que hoje solenemente se instala, privou esta assistência seleta do prazer de ouvir a palavra autorizada, eloqüente e patriótica do distinto patricio a quem a nova associação confiou a sua tribuna.

Tendes em seu lugar a mim, figura apagada e sem os dotes de eloqüência que adornam o nosso prezado consócio ausente, animando-me, entretanto, no cumprimento desta árdua mas honrosa tarefa, o mesmo zelo patriótico, o mesmo entranhado amor que, às coisas deste adorado Estado, vota o nosso orador efetivo.

Por esta terra tão grande e tão bela, por esta terra que encerra as reliquias dos nossos antepassados e a lembrança dos seus feitos heróicos, sentimos ambos o mesmo afeto imenso, o mesmo carinho devotado de seus filhos amantíssimos.

Pouco importa pois, que os recursos da eloqüência, as galas da palavra, que não possuímos no mesmo grau, me façam representar mais palidamente aquilo que sentimos com a mesma sinceridade.

Nós ambos nos ufanamos com os seus feitos gloriosos, sentimos as suas dores, nos rejubilamos com as suas alegrias e sonhamos com a mesma esperança no seu futuro grandioso.

E agora que Mato Grosso, comemorando o bi-centenário do início da sua colonização, sente percorrer por toda a vastidão do seu território, a mesma febre de progredir, o mesmo ensaio de energias novas que parece conduzir o Brasil todo a uma era de completo ressurgimento; nenhuma iniciativa pode haver, mais digna da ocasião, nenhuma comemoração mais nobre e mais útil, nenhum presente mais oportuno, do que a instalação desta patriótica associação que há de fazer sempre lembrados os feitos gloriosos dos dois primeiros séculos da nossa vida política, que há de perpetuar nas páginas da história imparcial, para imorredouro exemplo dos que hão de vir, os nomes e as vidas dos nossos maiores.

Que no 2º centenário do nosso Estado, quando ensaiamos já o trabalho em todos os ramos do progresso social e da atividade humana, não fiquem esquecidos os motivos principais de nosso orgulho.

Trabalhemos contra o antimilitarismo para aumento da nossa pujança, já que não é possível a realização do desarmamento das nações, pois que para desarmar as nações seria preciso, como já disse alguém, *“um desarmamento impossível, o desarmamento das ambições”*.

Trabalhemos em prol da indústria, das artes e do comércio que nos darão riqueza e realce; difundamos a instrução, eduquemos o sentimento, combatamos os defeitos, festejemos as nossas iniciativas; preparemos enfim o nosso futuro.

Que não se diga entretanto que tratando do seu futuro Mato Grosso esqueceu o seu passado.

Que para ele, neste momento solene e importante da sua vida, não sejam aplicáveis as palavras severas do eminente historiador português Rebelo da Silva: *“que acabou por esquecer o que as nações nunca esquecem senão para se suicidarem - a consciência de si e do seu dever, a memória do passado e a idéia da própria dignidade”*.

Instala-se hoje o nosso Instituto Histórico. A sua missão é nobre. É tornar bem conhecidas a nossa grandeza e a nossa raça.

E imortalizar os feitos dos que se foram, é imortalizar os heróis, é escolher modelos para o futuro.

Glória à nação que não deixa apagar a memória dos seus beneméritos.

E eis porque, nesta data, tomamos com os nossos antepassados o compromisso solene de publicar e seguir os ensinamentos da sua obra.

E nem se diga que heróis não possuímos e que, por ser nova, não tem ensinamentos à nossa história.

De Mato Grosso se pode repetir o que do Brasil já disse o nosso Presidente Honorário, o Sr. Conde de Affonso Celso, no seu livro *“Porque me ufano do meu país”* verdadeiro hino às grandezas da Pátria.

É superior pela sua grandeza territorial, pela sua beleza, pela sua riqueza, pela variedade do seu clima, pelo elemento formador da sua população e pelos nobres predicados do caráter do seu povo.

Não se humilha, nunca foi vencido, é de heroísmos a sua história.

Quando colônia, segregado do resto do Brasil, entregue a si mesmo, soube preparar com método a formação do tipo nacional, verdadeiramente brasileiro que repetiu, sem vacilações e sem medo, o brado augusto da independência, aqui

saudado com entusiasmo a 22 de janeiro de 1823.

Então já era tal a pujança do elemento nativista entre nós, que 10 anos apenas depois ele se afirmava com eloquência no movimento de 30 de Maio de 1834, cheio de excessos e rancores, é verdade, mas de excessos e rancores, na ocasião, atenuados pela guerra sem tréguas que o Brasil inteiro movia contra o adotivo, guerra que acabou por estender a desconfiança popular ao próprio autor do brado do Ipiranga, guerra que aparece na história de todos os povos que ensaiam a sua completa emancipação.

Mato Grosso colônia! Um século inteiro de esforço pela dilatação das nossas fronteiras, de organização da nossa grandeza territorial.

É o século de Luiz de Albuquerque.

Formou-se nele o matogrossense puro, produto genuíno do bandeirante ousado e do guapo guaicuru, que devia arrostar com estoicismo sem rival, entregue aos seus recursos exclusivos, as dificuldades sem nome, as tremendas convulsões que abalaram o gigante nesses treze lustros homéricos do nosso regime monárquico, durante os quais não sabe o historiador o que mais admirar: se a sabedoria dos nossos administradores, sintetizados na figura luminosa do Barão de Melgaço, se a facilidade com que entre nós sempre se aclimataram todas as idéias nobres, todas as conquistas do pensamento humano ao serviço da civilização, ou se a vibrante narrativa de um poema inteiro de bravuras praticadas pelos nossos heróis militares nessa epopéia brilhante da resistência à inesperada e brutal invasão paraguaia.

Aqui germinou, com pujança sem par, a semente bendita do abolicionismo, regada por sociedades formadas dos mais eminentes filhos desta terra. Foram delirantes os festejos com que saudamos a notícia da Áurea Lei, já antecipada pelos seus valorosos precursores de Miranda, que anos antes da sua promulgação tinham a felicidade de terminar os seus discursos bradando cheios de orgulho: "*já não há escravos em Miranda.*"

Aqui viçou exuberante o ideal republicano. Com hinos e flores saudamos, a 9 de Dezembro de 1889 a proclamação de 15 de Novembro, já de há muito desejada pelo nosso Club republicano e pelos valorosos militares desta guarnição.

República, o nosso estado se organizou como bem poucos se organizaram; e se lutas fraticidas temos a lamentar nesse período melindroso da sua organização, essas desordens mesmo são atestados eloqüentes do culto soberano que rendemos à liberdade, mal vislumbrada às vezes por entre as nuvens negras da paixão partidária, mas por todos igualmente desejada e defendida com altivez.

Mas porque trazer-vos à memória as nossas conquistas pacíficas se a

nossa história militar é, por si só, bastante para nobilitar o nosso passado?

Não são mais dignas de admiração essas mulheres cartaginesas que fabricaram com os seus cabelos as cordas das galeras pátria, do que as 70 heroínas do Forte de Coimbra a fabricarem cartuchos para os bravos de Portocarrero nas terríveis noites de Dezembro de 1864.

A retirada dos 10.000 que Xenofonte perpetuou nas páginas da *"Anabasis"*, não é mais rica de glórias e de ensinamentos do que a retirada da Laguna que Taunay gravou imorredouramente na memória do mundo inteiro.

Eu não sei o que deva admirar mais: se a coragem espartana de Leônidas na defesa das Termópilas ou o valor de Antônio João no martírio abnegado da Colônia dos Dourados.

Lá era Xerxes, o Grande Rei, a mandar dizer ao valoroso rei da pequena Esparta que entregasse as armas, e era Leônidas a responder-lhe que viesse buscá-las.

Era Xerxes a insistir ponderando que as setas dos seus soldados eram tão numerosas que, despedidas a tempo, encobriam o sol; e era Leônidas a retrucar que assim seria melhor porque combateriam à sombra.

Aqui era Urbieta que ao intimar Antônio João para que se rendesse, foi por este perguntado se trazia ordem do governo imperial para que ele entregasse a praça.

— *"Não; mas trazemos 250 homens para tomá-la à força das armas, ponderou o chefe paraguaio.*

— *"Então, meus senhores, retirai-vos.*

Enquanto me bater este coração, filho do país em que pisais, só obedeço a intimações dos meus próprios chefes e superiores."

Lá era Esparta a resumir no legendário epitáfio — *"Estrangeiro! vai dizer à Pátria que aqui morremos cumprindo as suas leis"* — Toda a adoração lacedemônia pelos seus valorosos mortos.

Aqui era Antônio João a traçar com a sua própria mão o resumo bendito do seu fim glorioso: *"Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros, servirão de protesto solene contra a invasão do solo da minha pátria."*

Tanta admiração despertou este feito ao inimigo que Urbieta mesmo conservou esta preciosa relíquia, que é nossa, confessando respeitosa: *"Se o Brasil possuir muitos destes, a nossa expedição a Mato Grosso não será um simples passeio militar como nos disseram em Assunção."*

Não será fácil encontrar narrada nas páginas da história universal, uma jornada tão heróica como essa dirigida pelo esforço sobre-humano de João de Oliveira Melo, conduzindo desde Corumbá, até Cuiabá, através dos pantanais e na pior estação

do ano, não uma força disciplinada formada por homens fortes; mas uma multidão faminta composta de soldados, velhos, mulheres e crianças.

“*Queremos o tenente*” bradara em Corumbá a multidão confiante. *Glória para sempre ao Bravo!* gritava em delírio Cuiabá unânime ao receber em triunfo, numa apoteose sublime, o salvador benemérito.

Heroísmo sem jaça é também o desse episódio brilhante da retomada de Corumbá, realizado pelo valor de Antônio Maria Coelho a 13 de Junho de 1867.

O bronze dos bravos conservará para sempre a figura do valente soldado ao culto dos filhos da cidade libertada.

Batista das Neves subindo as escadas do “Minas Gerais” certo de que caminhava para o seu túmulo, não é menor do que os mártires mais célebres do cumprimento do dever.

Eis senhores sócios do Instituto Histórico de Mato Grosso, a síntese invejável do nosso passado brilhante, cuja guarda nos está confiada.

Narrar as nossas grandezas e transformá-las em proveitosas lições para o futuro, é a tarefa, árdua por certo, mas altamente patriótica, da nossa útil associação.

Que não nos esmoreça a frieza do indiferentismo na grande obra encetada porque os seus frutos compensarão os nossos esforços.

A V. Exa. principalmente, Sr. Presidente, confiamos esta iniciativa feliz.

Chefe do Executivo estadual e Diretor efetivo do Instituto de Mato Grosso a V. Exa. tocaram duas ordens de responsabilidades.

Numa, a de dirigir-nos e auxiliar-nos com os poderosos recursos intelectuais do seu cérebro; outra, a de trazer-nos o incitamento moral e indispensável auxílio pecuniário que esperamos de V. Exa. como Chefe do Estado.

Assim seremos completos e assim seremos úteis.

E amanhã quando as nossas grandezas e os ensinamentos do nosso passado, divulgados e aprendidos, fizerem inflamar no mais justo orgulho o coração matogrossense, sentir-nos-emos felizes por sermos os iniciadores desta cruzada bendita que tem por fim imortalizar os nossos mortos distintos.”